

RUA D. MARGARIDA DE CAMPOS

Lei nº 673 de 07-01-1952

Formada pela rua 13 do arruamento Bueno de Miranda e rua "A" da Vila Iza

Início na rua Ary Barroso

Término na rua Dr. Lopes Trovão

Taquaral

Obs.: Lei promulgada pelo Vice-Prefeito Municipal, em Exercício, João de Souza Coelho. Da lei consta: "Rua D. Margarida de Campos (1710-1792)".

D. MARGARIDA DE CAMPOS

D. Margarida Soares de Campos nasceu na Vila de Itú, em 01-fevereiro-1710 e faleceu em Campinas em 25-março-1792. Era filha de Antonio Soares Pais e Maria Antunes Maciel de Campos. Era neta paterna de Luís Soares Ferreira e Catarina Dias Pais, portanto, bisneta do bandeirante Fernão Dias Pais e sobrinha de outro bandeirante Gabriel Antunes de Campos. Foi casada em primeiras núpcias com Pascoal Leite e depois, com o Capitão José de Souza Siqueira, um dos fundadores e patriarcas desta terra. Ainda jovem, e já casada com Souza Siqueira, desbravador e bandeirante, acompanhou o marido aos sertões de Goiás, onde se estabeleceram. Aí, nas minas dos Crixás, por volta de 1734, nasceu sua filha Quitéria Pais de Siqueira. Após permanecerem algum tempo em Goiás, regressaram à Itú, resolvendo depois se estabelecerem com fazenda no antigo bairro das Anhumas. Em 1737, já havia cultura no seu sítio. No recenseamento de 1767, o casal aparece como o mais abastado do lugar, com sua fortuna sendo considerada como uma das três maiores do então município da Vila de Jundiá. Tem D. Margarida Soares de Campos seu nome ligado à fundação de Campinas, pois seu marido José de Souza Siqueira foi o primeiro signatário da petição dos moradores do povoado, dirigida ao Frei Manuel da Ressurreição, Bispo de São Paulo, em 1774, pedindo a criação da freguesia das Campinas de Mato Grosso. D. Margarida de Campos foi sepultada dentro da igreja matriz da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, hoje Basílica de Nossa Senhora do Carmo.



**Lei n. 673, de 7 de Janeiro de 1952**

**Dá nome a diversas ruas da cidade**

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Passam a ter as seguintes denominações as vias públicas abaixo mencionadas:

RUA D. MARGARIDA DE CAMPOS (1710-1792), a via pública que tendo início junto as linhas da Cia. Mojiana de Estradas de Ferro abrange a rua 13 do arruamento Bueno de Miranda e rua A da Vila Iza e termina na Rua Lopes Trovão.

RUA JOÃO DE SOUSA CAMPOS (1751-1797), a rua X da "Vila Elisa" e que tem início na Rua Tiradentes entre a Rua Dr. José de Campos Novais e o Ramal Férreo Campineiro e que termina na Praça de retôrno do mesmo arruamento.

RUA ALFERES PEDRO DE SOUSA (1750-1808), a rua da "Vila Elisa" que tem início na Rua Barão de Atibaia entre a Rua Dr. José de Campos Novais e Paula Bueno e que abrange a Praça de retôrno junto ao Ramal Férreo Campineiro.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 7 de janeiro de 1952.

**JOÃO DE SOUZA COELHO**  
Vice-Prefeito Municipal em exercício

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 7 de janeiro de 1952.

O Diretor,  
**ADMAR MAIA**



## MARGARIDA DE CAMPOS

(Começa na Linha da Mogiana (uma quadra além da rua Antonio de Castro Prado) e termina na rua Lopes Trovão, na Villa Elza.

A denominação foi dada pela Lei n. 673, de 7 de Janeiro de 1952. Tem 12 metros de largura.

### DADOS BIOGRAFICOS: —

Dona Margarida Soares de Campos, nascida na tradicional Vila de Itú, a 1.º de Fevereiro de 1710, e falecida nesta cidade de Campinas aos 25 de Março de 1792, portanto, aos 82 anos de idade, era filha de Antonio Soares Pais e de dona Maria Antunes Maciel de Campos. Era neta paterna de Luis Soares Ferreira e de d. Catarina Dias Pais, portanto, bisneta do notável bandeirante / Capitão-mór governador Fernão Dias Pais, o descobridor das esmeraldas. Foi esposa do Capitão José de Sousa de Siqueira (1697-1777) que foi um dos fundadores e patriarcas desta terra.

Por seus pais e avós, descendia das mais antigas e illustres familias paulistas radicadas na terra desde o inicio do seu povoamento, ou seja, a partir de 1532.

Em primeiras núpcias foi casada com Pascoal Leite.

Muito jovem e já casada com Sousa Siqueira, que foi bandeirante o desbravador, a acompanhou seu marido até os longinquos sertões de Goiás, onde se estabeleceram, aí nascendo sua filha d. Quitéria Pais de Siqueira, por volta de

1734. Depois de viverem algum tempo em Goiás, resolveram regressar para Itú, onde se estabeleceram com fazenda. Segundo o Dr. Ricardo, esta foi a primeira propriedade agrícola fundada em terras da futura Campinas e que já era cultivada em 1737. No primeiro recenseamento havido no então Bairro de Mato Grosso (Campinas), em 1767, aparece o casal como o mais destacado e abastado do lugar, sendo que sua fortuna era considerada como uma das três maiores do então município da vila de Jundiá.

Dona Margarida Soares de Campos, portanto, tem o seu nome ligado à fundação de Campinas, pois o seu marido José de Sousa de Siqueira, foi o primeiro signatário da histórica petição dos moradores do Bairro, então povoado, dirigida ao Bispo da Diocese de S. Paulo, Dom Frei Manoel da Ressurreição, no ano de 1774, pedindo empenhada, mediante a criação de uma Freguezia na paragem das Campinas de Mato Grosso.

Dona Margarida de Campos, que simboliza o espirito ativo e abnegado da mulher paulista, é para Campinas uma figura histórica e heróica. Como pessoa respeitável e merecedora da estima publica e também pela condição social, foi sepultada dentro da igreja matriz da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

*Cia Sobrinha carnal do paulista e bandeirante Gabriel Antunes de Campos, falecido a 27.3.1731, em Itú.*



Afirma Teodoro de Sousa Campos Júnior que: «o mais antigo sítio cultivado em Campinas foi aberto nas glebas incultas que abrangiam uma parte do antigo bairro das Anhumas e situava-se à beira da estrada que, da Vila de Nossa Senhora do Destêrro de Jundiá, levava às minas de Goiás.

Foi formado por José de Sousa Siqueira, e, segundo o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, já era cultivado em 1737, isto é, em época em que não havia sombra da povoação que mais tarde se chamou Campinas.

Sousa Siqueira e sua mulher d. Margarida Soares de Campos, viveram algum tempo em Goiás, nascendo sua filha Quitéria Paes Siqueira, nas minas dos Crixás; e acreditava-se que, ao regressarem êles aos pagos, resolveram fundar um estabelecimento agrícola no futuro bairro das Anhumas, cujas terras ainda hoje são famosas pela excelência da qualidade.

Tratava-se de um sítio de certa importância, onde era praticada a policultura, conforme se verifica nas declarações contidas no recenseamento de 1774. Nesse ano a sua produção foi a seguinte: 780 alqueires de milho, 98 de feijão, 46 de amendoim, 60 de farinha de mandioca, 40 arrobas de algodão e 230 canadas de aguardente. Nas suas pastagens existiam 22 cabeças de gado, 60 de porcos (inclusive parideiras), 12 cavalos, etc.

No recenseamento de 1773 José de Souza Siqueira declarou que havia adquirido as terras do seu sítio por escritura pública, provavelmente por compra feita a algum sesmeiro que não quis fixar-se na concessão obtida.

Margarida Soares de Campos era sobrinha carnal do paulista e bandeirante Gabriel Antunes de Campos que acompanhara seu tio, o capitão-mor Manuel de Campos Bicudo na excursão ao sertão de Caarapaguçu, acima de Assunção, capital do Paraguai, foi feito prisioneiro pelos inimigos. Ele e mais oito paulistas foram encerrados na cadeia de Assunção, sofrendo durante nove anos cruéis privações e castigos, até que puderam voltar à pátria.

Em 1723 descobriu o rio Paraguai Diamantino e deu começo à povoação conhecida pelo nome de Alto Paraguai Diamantino. O Capitão-mor Manuel de Campos Bicudo faleceu em 1722 e dele conta Pedro Taques que não tinha rival na corpulência e que, apesar disso, ninguém o excedia em agilidade da carreira. Foi notável sertanista. José de Sousa Siqueira conservou o sítio até a sua morte, em 1777, o qual depois pertence a seu filho Pedro de Sousa Campos, que mais tarde o vendeu a seu parente, o sargento-mor Antônio Ferraz de Campos.

\*\*\*

(Extraído das páginas 41 e 42 do Volume 1º da "Historia da Cidade de Campinas", de Jolumá Brito, Editora Saraiva. S. Paulo, 1956)